

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (1)

MALLON (Jean). — *L'Écriture de la Chancellerie Impériale Romaine* (Acta Salmanticensia iussu senatus universitatis edita), Universidad de Salamanca, 1948. Filosofia y Letras, t. IV, n.º 2, 31 pp., com 6 pranchas em A e B. quadros dos cursivos romanos.

Este trabalho é um estudo especial da escrita diplomática romana que deveria fazer parte dos manuais para os estudos diplomáticos e paleográficos. Novos problemas são ali resolvidos no que diz respeito à cursiva.

A origem desta forma, perde-se nos tempos com o primeiro uso do alfabeto latino. Gradualmente algumas letras, pela lei natural do seu traçamento, em virtude da celeridade e da comodidade da execução, pelo material que servia à escrita, tomaram um caráter especial: o papiro e o cálamo permitiram movimentos mais livres e facilitaram o desenvolvimento da escrita, como se verificou, desde o século I até o século III d.C. Assim, da cursiva formaram-se elementos especiais de duas novas modalidades da escrita: a oncial e a minúscula.

Jean Mallon (*Notes Paléographiques de Emerita*, XIII, 1945, p. 43) já se tinha ocupado, brevemente, com os notáveis fragmentos do papiro de Leide-Paris, descobertos no século XVIII, no Egito do Sul e de outros; mais tarde, novamente, e em particular, da escrita da chancelaria romana.

Para decifrá-las foram inúteis as tentativas de Champollion, Figeac e de outros. Massmann (1841) procurou lê-los, facilitando, deste modo, a Natalis de Wailly, transcrever juntamente os fragmentos. Mommsen (1863) fez a crítica interna do texto. Estes dois textos são dois rescritos posteriores a 413 e anteriores ao século VI. As opiniões concernentes à escrita são incertas. Giry (1894) assim diz: "O antigo cursivo da chancelaria, segundo os fragmentos dos rescritos de Leide-Paris, originou outras escritas diplomáticas, desenvolvidas diferentemente em França, Itália e Espanha". Este autor apresenta duas considerações: o cursivo é a escrita dos originais da Chancelaria Imperial no V séc.; os rescritos de Leide-Paris teriam dado origem às escritas diplomáticas de França, Itália e Espanha.

Interessante também o estudo comparado que autor faz e que tem por finalidade criticar a interpretação de Giry. Ótima contribuição deram os papiros latinos descobertos (1894), quando Giry escrevia, porquê eram rescritos feitos com tinta. Conclusão: a escrita dos fragmentos deriva da capital. É interessante a demonstração. Clara é a diferença nas discussões (... 1924), como no *Manuel* de Prou, em colaboração com Bouard. É que a escrita de Leide-Paris é especial. Preisigke (*Die Inschrift von Skaptoparene*, 1917), afirma que é uma escrita para anúncios, contra a opinião geral que diz que essa escrita é a da Chancelaria Imperial para expedir os originais (V séc.). A crítica disto é a seguinte: "Escrita fossilizada numa chancelaria que, na estrutura fundamental, era o antigo cursivo". Wessely é de opinião que é uma

(1). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica.

escrita para anúncios. Bouard examina a diferença entre as duas; e interpreta o que está escrito no branco das duas linhas, como sendo um novo cursivo familiar e corrente. Confronta as chancelarias imperiais e as das prefeituras. Brandi (1908) e De Bouard (1924) não encontram casos novos. O A. faz a crítica do texto legislativo (V séc.) do Códice Teodosiano. Examina as *litterae caelestes*, que acabam uma evolução muito mecânica e autônoma e as *litterae communes*, como nos *fac-simili*, afim de esclarecer o sistema proposto no trabalho. O arcaísmo dos papiros de Leide-Paris esclarece o sentido da escrita diplomática dos cinco séculos anteriores: estes papiros fornecem a imagem de uma escrita diplomática romana que se desenvolve; julga ainda o que não é possível admitir que a paleografia e a diplomática comecem com os diplomas merovingios. Está provada, assim a continuidade entre os officios romanos e os das monarquias bárbaras. As conclusões do A. devem, pois, figurar nos tratados e manuais em lugar das de Giry e de Prou.

FRANCISCO ISOLDI.

POINSOT (M.-C.). — *L'Occultisme, la Bible et l'Évangile*. Librairie Secrétan. Paris. 1950. 211 pp.

O título desta pequena brochura é a primeira razão do desapontamento que nos causa a leitura atenta da obra eivada de contradições: um só dos Evangelhos — o de S. João, — nos ministraria matéria para grosso tomo ou vários volumes, quanto mais a Bíblia toda e todos os demais escritos dos apóstolos. Já por aqui se percebe a superficialidade do sr. Poinso. Partindo de pressupostos que estão ainda por provar, como por exemplo, que todos esses livros possuem um sentido esotérico, oculto, só revelável aos iniciados, chega o autor às mais discutíveis conseqüências. Desconhecendo a imensa mole que representa a exegese bíblica, meramente católica como a de Lagrange, Batifol, Duchesne, De Fontaine, Gianella, toda baseada na arqueologia e na documentação mais antiga da história; ou simplesmente protestante como a de Maurice Goguel, Guignebert, Lightfoot; ou profundamente racionalista como a de Harneck, Poinso não escreve uma página sequer isenta de contradições gritantes. Ora nega qualquer inspiração divina da Bíblia, ora aceita que o Gênesis foi revelado por Deus (pgs. 9-10). Ora ataca a exegese católica que sustenta e prova a existência duma revelação primitiva, feita ao gênero humano, ora escreve: "L'Occultisme, il nous indique qu'il y eut une Révélation primitive, unique, connue de l'Initiation Antique, une tradition primordiale, une Religion-Science qu'une Elite reçut d'une Humanité antérieure à la nôtre, et transmit d'âge en âge, défiant les anathèmes et les moqueries et formant l'essentiel de la Doctrine dite Secrète." (10-11). Então, por que atacar tais idéias da exegese católica se o ocultismo também as defende? Mas, como se vê pela citação, toda a ciência do autor se reduz a expressões indefinidas, vagas, cujo maior valor está nas maiúsculas empregadas. Afirma gratuitamente que só a versão dos Setenta é boa porque eram essênios os tradutores, iniciados, portanto, nos conhecimentos do ocultismo. Mas linhas após, referindo-se a S. Jerônimo a quem chama consciencioso tradutor e aperfeiçoador da versão grega de Alexandria, conclui contraditoriamente: "Le malheur est que saint Jérôme n'était point un initié. Il ignorait les "clefs" de l'esoterisme de la Genèse..." (pg. 13). Ora isto não tinha importância porque, sendo tradutor consciencioso e até aperfeiçoador dos Setenta, ainda que não fôsse conhecedor das tais "clefs" do esoterismo, mantendo o texto, manteria *ipso-facto* o tal sentido oculto. Fala em "mathématique sacrée", em "astronomie transcendente" como se houvesse, pe-